



## **Enquadramento: Uma análise sobre o assunto tecnologia na revista Nova Escola <sup>1</sup>**

Daniela BALKAU<sup>2</sup>

Débora Cristina LOPEZ<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria / CESNORS, Frederico Westphalen, RS

### **RESUMO**

Pretende-se com o presente artigo, apresentar um panorama de como são abordadas as matérias que falam sobre tecnologia na Revista Nova Escola, especialmente as que são referente à internet e uso dos computadores nas salas de aula. Para tanto, busca-se apresentar conceitos sobre a inclusão digital, além de trabalhar com o que os autores falam sobre os diferentes tipos de enquadramento que podem ser utilizados pelos jornalistas. Com o enfoque de enquadramento querem-se averiguar as diferentes formas que as matérias são apresentadas para o público. Foram escolhidos cinco exemplares da revista. A escolha desse tema e desses exemplares justifica-se pela Internet já estar inserida aos meios de comunicação de massa e pelo fato do meio digital ser importante como política pública. A inclusão digital, ou seja, o acesso à tecnologia pode ser uma das formas para o livre exercício da cidadania, diminuindo, assim, o distanciamento entre ricos e pobres, proporcionando o aumento na alfabetização digital.

**PALAVRAS-CHAVE:** enquadramento; mídia; tecnologia.

O presente artigo pretende realizar uma análise sobre como a Revista Nova Escola trata os assuntos relacionados à tecnologia, neste caso, computador e internet. As discussões iniciais trazem, portanto, autores com os seus respectivos conceitos que tratam sobre a educação voltada para a tecnologia. Em um segundo momento desse artigo, abordaremos a questão do enquadramento ou agendamento de 2º nível, para assim compreender como são repassadas as matérias para o leitor. Por último, de maneira breve, será apresentada uma análise de como a revista repassa aos leitores as matérias voltadas à tecnologia e a sua forma de enquadramento.

Portanto, busca-se apontar alguns dos impactos que o enquadramento pode obter na recepção de suas matérias e na maneira como a audiência compreende e interpreta os assuntos, avaliando a disposição destas no decorrer das páginas além da maneira como os usos das palavras são empregados.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo do CESNORS/UFSM, email: dani\_balkau@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social- habilitação em Jornalismo do CESNORS/UFSM, email:deboralopezfreire@gmail.com



## TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

A formação de uma nova geração depende de uma educação de qualidade. Em 1996, foi aprovada a Lei nº 9394/96, que torna obrigatória a inserção das novas tecnologias nas instituições de ensino. Estas novas tecnologias dizem respeito aos computadores ligados a rede nas salas de aula. Isto impulsionou os municípios e estados a equiparem as suas instituições de forma emergencial, sem um planejamento de como estas tecnologias seriam utilizadas. Por isso, em muitas escolas ainda não há a utilização dos equipamentos, por falta de preparo dos professores e de um lugar apropriado para os computadores.

A inserção das novas tecnologias na educação não pode ser pensada como a simples implementação de computadores nas salas de aula. Precisa haver um planejamento que cogite sobre sua utilidade no processo do ensino e da aprendizagem. Os alunos precisam ver esta tecnologia como um instrumento de auxílio no processo educativo, que os ajude, tanto em sua formação humana quanto profissional. José Manuel Moran relata a importância do uso dessas novas tecnologias nas salas de aula, mas ressalta que é preciso analisar os conteúdos transmitidos nesses meios. Segundo o autor:

A escola precisa observar o que está acontecendo nos meios de comunicação e mostrá-lo na sala de aula, discutindo-o com os alunos, ajudando-os a que percebam os aspectos positivos e negativos das abordagens sobre cada assunto. Fazer re-leituras de alguns programas em cada área do conhecimento, partindo da visão que os alunos têm, e ajudá-los a avançar de forma suave, sem imposições nem maniqueísmos (MORAN, 2002. p.3).

Para isso, é necessário que a escola possua um mediador da tecnologia, uma pessoa que realmente entenda os programas e assim consiga ajudar os alunos a utilizá-lo como um meio de comunicação eficiente. É importante enfatizar que o uso da internet como inclusão digital nas instituições educacionais "está muito longe do mero ato de comprar computadores, embalá-los e enviá-los às escolas" (BRASLAVSKY, 2004, p.93). A Inclusão Digital vai muito além disso. À aquisição de todos os equipamentos, é necessário que exista um trabalho de acompanhamento com formação técnica e educacional. Não se quer somente formar pessoas capazes de utilizar computadores e sim, aptas a criar, questionar e utilizar esse meio de comunicação como uma forma de serem atuantes no meio em que vivem.



De acordo com a Educomunicação, esta seria a área da "mediação tecnológica na educação", compreendendo os procedimentos e as reflexões em torno da presença e dos múltiplos usos da tecnologia da informação na educação, pois o acesso livre a este veículo proporciona aprendizado tanto na escola quanto em casa, se assim for o caso.

Na pior das hipóteses, o tecnológico aparece como um elemento alheio à educação; na melhor, como um fator externo que deve ser 'trazido' para a escola e que, nessas circunstâncias, é pensado de modo puramente instrumental, como uma caixa de ferramentas que se toma emprestada para pô-la a serviço de uma missão humana transcendental (BRUNNER, 2004, p.20).

No entanto, a tecnologia não pode ser vista como algo distante e complicado, mas sim, como um valor a ser conquistado pelas escolas. O direito a comunicação é de todos. O acesso à tecnologia da informação significa para muitos, em primeiro lugar, o livre exercício da cidadania. Além disso, encurta distâncias, oferecendo, às comunidades que vivem afastadas dos grandes centros, oportunidades que incluem a educação e a comunicação.

Nas escolas, principalmente as públicas, a inserção dos meios de comunicação é mais difícil, devido à falta de recursos, profissional qualificado e até mesmo espaço para comportar uma sala de informática. Segundo o Censo Escolar 2000 feito pelo Ministério da Educação, somente 37% dos estudantes de ensino médio estudavam em escolas com acesso à Internet. Já no ensino fundamental, somente 22% das crianças estudavam em escolas com salas de informática e apenas 19% acessavam a Internet.

Desse modo, a riqueza continua concentrada nas mãos de poucos, no bojo desse processo de globalização político-econômica e sociocultural onde:

Desenvolvem-se tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas que agilizam, intensificam e generalizam as articulações, as integrações, as tensões, os antagonismos, as fragmentações e as mudanças socioculturais e político-econômicas, pelos quatro cantos do mundo (IANNI, 2000, p.160).

Apesar deste desenvolvimento desenfreado de novas tecnologias, ainda é possível ver lugares em que não há nenhum incentivo a inclusão digital. Com isso, é difícil falar em exclusão digital em um país onde a exclusão social é predominante e aparente. Nas palavras de Boaventura de Souza Santos, “temos o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza” (2002:75). Parafraseando, podemos colocar a inclusão digital como algo



universalista, ou seja, para todos. Sabemos que isso não é realidade em nosso meio, onde predomina a desconcentração tanto do poder econômico quanto político.

Tendo em vista estes parâmetros, é possível ver que nos dias atuais já existem veículos capacitados a produzir matérias que tratam dos mais diversos assuntos. A Revista Nova Escola repassa aos seus leitores reportagens que buscam exclusivamente o ambiente escolar. Nesse sentido é que esse estudo buscará identificar algumas características de enquadramento usadas pela linha editorial da revista, contendo assuntos relevantes como a tecnologia e, que até hoje são poucos discutidos pela falta de espaço em outros meios de comunicação.

## **ENQUADRAMENTO E SEUS EFEITOS NA AUDIÊNCIA**

Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação casual, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito. (ENTMAN *apud*, LEAL, 2007).

O enquadramento, ou frames são, mais ou menos, elementos básicos que governam os acontecimentos sociais e o nosso envolvimento subjetivo neles (Cfr. Goffman, 1986:10). A abordagem dos frames foi aplicada e desenvolvida por Gitlin (The Whole Word is Watching You) e Tuchman (Making the news) no campo dos estudos jornalísticos.

Os enquadramentos aparecem de forma significativa como elementos cognitivos que estruturam a escolha de quais as partes da realidade que irão ser transformadas em notícia. Neste sentido, Colling (2001, p. 95) ressalta, que ao fazer um enquadramento o comunicador seleciona excertos ou aspectos da realidade como a percebeu, não necessariamente como ela aí. A partir dessa seleção, certos aspectos recebem maior destaque no texto, o que ocasiona “interpretação, avaliação moral e/ou tratamento recomendado para o item descrito”.

Para Goffman, o enquadramento é visto como um princípio de organização que governa os eventos sociais e nosso envolvimento nestes eventos. Segundo ele, sempre tendemos a perceber os eventos e situações de acordo com o enquadramento dado a tais. Já o estudioso Gitlin argumenta:



Os enquadramentos da mídia [...] organizam o mundo tanto para os jornalistas que escrevem relatos sobre ele, como também, em grau importante, para nós que recorremos às suas notícias. Enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira. (GITLIN *apud*, PORTO, 2003, p.80).

Com isso, é possível analisar nas reportagens ou matérias a maneira como os editores ou diagramadores pretendem que seja vista pelos leitores. Desta forma, o *layout* influencia em muito a visão das pessoas ao ler tal assunto. Shen (2004) ainda acrescenta que o enquadramento pode ter um grande impacto na forma como a audiência compreende e interpreta os assuntos. E, partindo deste pressuposto, é possível destacar que elementos discursivos, contexto informacional, características da audiência, entre outros, são fatores fundamentais para a compreensão do *framing* ou do agendamento de segundo nível.

A cobertura dos meios de comunicação aparentemente mune os indivíduos com informações das mais variadas. A cada dia surgem novidades na mídia e por esse motivo é que a questão temporal é a que mais preocupa os profissionais: a dúvida é saber por quanto tempo um tema permanece em destaque na cabeça das pessoas. As pessoas querem a todo o momento novidades, não querem discutir temas dos quais já leram ou ouviram dias antes.

Isso muitas vezes não é fácil, pois o profissional (jornalistas) muitas vezes não tem tempo para escolher o que publicar. “A seleção das notícias é um processo de decisão e de escolha, realizado rapidamente” (Gans, 1979, p. 82). Entretanto, apesar de ser tudo muito rápido, Cohen afirma que a imprensa “pode não conseguir, na maior parte do tempo, dizer as pessoas o que pensar, por outro lado, ela se encontra surpreendentemente em condições de dizer aos próprios leitores sobre quais temas pensar alguma coisa” (1963, p.13).

A seleção de notícias é realizada através da ação dos gatekeepers (selecionadores) que são os agentes profissionais que definem a relevância da notícia baseados em critérios de noticiabilidades adotados na rotina produtiva de cada veículo.

Os valores/notícia são usados de duas maneiras. São critérios para selecionar, do material disponível para a redação, os elementos dignos de ser incluídos no produto final. Em segundo lugar, eles funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na



preparação das notícias a serem apresentadas ao público. (Golding-Elliot, 1979, p. 114).

Portanto, a partir destes conceitos e estudos realizados sobre as diferentes formas de enquadramento é que serão analisados cinco exemplares da Revista Nova Escola.

## **ANÁLISE DAS NOTÍCIAS DA REVISTA NOVA ESCOLA**

Em uma análise de enquadramento pode-se utilizar inúmeras abordagens de coberturas jornalísticas. Neste presente ensaio, baseou-se a pesquisa na Revista Nova Escola, nas matérias que enfatizam o uso de computadores por alunos nas salas de aula, ou até mesmo em casa, para a realização de pesquisa e trabalho escolar.

Ao iniciar, resalto que as notícias registram por si só o tipo de enquadramento que está sendo abordado.

A pirâmide invertida, a ênfase dada às perguntas do lide, a necessidade de selecionar, excluir, acentuar diferentes aspectos do acontecimento, processo orientado pelo enquadramento escolhido, são alguns exemplos de como a notícia, dando vida ao acontecimento, constrói o acontecimento e constrói a realidade (CAREY, 1986).

Para identificar qual o tipo de enquadramento que a revista utiliza nas suas matérias foram analisados os seguintes elementos: título, subtítulo, fotografias e legendas fotográficas, leads, seleção de fontes, citações, realce das citações, estatísticas e gráficos, parágrafos conclusivos e o estilo e tom das matérias. Desta maneira, é possível verificar qual é a idéia da revista, se prioriza ou não assuntos deste viéz.

A partir destes dados, podemos verificar algumas diferenças nas cinco edições analisadas. Os dois primeiros exemplares, que são dos meses de agosto e setembro, não apresentam nenhuma matéria ou reportagem que trata do assunto. Apesar destes meses serem considerados início de semestre, não houve nenhuma referência ao uso ou benefício que o computador possa trazer a aprendizagem.

Já nos meses seguintes, outubro, novembro e dezembro, há matérias e reportagens destinadas ao assunto. O primeiro mês engloba uma matéria de uma página, contendo uma foto enorme, que ocupa mais de meia página, com uma legenda que só ressalta o que se vê na foto “Educador Nota 10”. A matéria é dividida em 3 colunas pequenas, contém um título sem destaque e não apresenta subtítulo. O conteúdo ressalta a importância da Internet e a coloca como aliada ao estudo em casa. Nesta notícia não



há lide e conta somente com a opinião de uma fonte que dá um tom positivo a matéria. Não possui infográficos e nem muitos dados para melhor compreender o uso verdadeiro da internet pelos internautas. Neste caso, a revista está pautando seu assunto de acordo com o interesse do leitor, visto que uma matéria que realça a boa educação, geralmente interessa a muitos.

Na edição de novembro é apresentada uma reportagem especial sobre ensino à distância. Contém 8 páginas, muito bem sinalizadas, com boxes para indicar o assunto tratado. Na primeira página vale ressaltar o título que contém uma pergunta: “Vale a pena entrar nessa?”. Pretende-se através disso fisgar o leitor para ler o que vem a seguir. Não há fotos, mas o modo como foram distribuídas as informações acabam por chamar a atenção.

Em dezembro são realizadas duas matérias referentes ao tema. Uma contém uma página, com título e subtítulo bem atraentes. Também é visível neste caso, o comprometimento com as fontes, a qual prova o que está sendo proposto. A ausência de fotos nesta matéria dá um tom um pouco menos atraente, visto que na segunda reportagem há fotos que atraem mais atenção. Com isso, podemos dizer que a primeira garante um tom mais informativo, mas não negativo do que anda acontecendo no Brasil.

A partir destes dados, podemos verificar algumas diferenças marcantes entre as cinco edições das revistas. Nota-se que não é constante a publicação de matérias com esse tema, e também não há na revista um espaço pré-determinado para o assunto. Com isso, pode-se dizer que a revista trabalha com o fluxo contínuo de informação, com temas que são relevantes quando estão acontecendo, e que normalmente não estão agendados por editoriais.

Ao enfatizar, selecionar ou ignorar alguns temas a revista adota diferentes tipos de enquadramentos, não havendo um padrão que é geralmente seguido por outras revistas. Um exemplo padrão é as páginas amarelas na Revista Veja, que aparecem sempre com o mesmo layout, o que já é conhecido por todos que a usufruem. Por outro lado, o texto é claro e parte do pressuposto de que os leitores já conhecem sobre o assunto. Normalmente, esse tipo de revista é comprado e acessado por profissionais da área, professores e interessados no assunto, os quais já possuem um nível maior de ensino.

Podemos observar também que os jornalistas possuem um tempo razoável para a escolha das reportagens, visto que a revista é mensal. Desta maneira, os valores das notícias fornecem alguns critérios nas rotinas jornalísticas, as quais permitem que o



profissional escolha rotineiramente as estórias que deseja contar e publicar e quais as que realmente merecem maior destaque. Para Alessandra Aldé, na maioria das muitas vezes, essas escolhas não são intencionais, mas que, com intencionalidade ou não, elas têm reflexos sobre os efeitos exercidos pelos meios de comunicação sobre sua audiência (2004, p. 6).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Geralmente os meios de comunicação optam por um padrão em relação ao enquadramento que utilizam para que os leitores não se sintam perdidos ao ler ou ouvir as matérias. O que muda novamente, no caso da Revista Nova Escola, é que não há uma editoria que todo o mês tratará sobre determinado assunto. Entretanto, a forma de escrever continua sempre com o mesmo tom, afastando com dados a fala do profissional.

Deste modo, o jornalista faz a sua escolha, mostra a sua personalidade, mas sempre de acordo com aquilo que a empresa deseja e já tem por si estabelecido. Koch (1984, p.24) acrescenta que, “toda atividade de interpretação presente no cotidiano da linguagem fundamenta-se na suposição de que quem fala tem certas intenções ao comunicar-se. Compreender uma enunciação é, nesse sentido, apreender essas intenções”.

O enquadramento faz com que o jornalista estruture e organize as informações que recebe. Portanto, o tom positivo ou negativo, as escolhas de que lado foi mais favorecido, o tipo de foto, infográficos, realce que o texto receberá, está definido neste aspecto. É o enquadramento refletido na revista que determina como a notícia será apresentada aos leitores. Este pode ou não influenciar como o público receberá a notícia. A autora Alessandra Aldé alerta que estas escolhas podem ou não ser intencionais, mas que isso, dependendo de cada caso, é que determina quais os reflexos que estes irão ter na audiência deste meio de comunicação.

Por mais que se tente passar a verdade ao público, a mídia só constrói um reflexo da realidade, com intenções de um olhar que escolheu o que repassar. Por mais interessante que possa ser uma matéria, sempre haverá um outro jeito de escreve-la ou enquadrá-la. Isso depende de quem a realizou e enxergou. O autor Hackett (apud COLLING, 2001) confirma que isso não é necessariamente um processo consciente. Em





muitos casos o jornalista, devido às pressões de tempo, à exigência pelo furo ou ao perfil editorial do veículo decide ocultar um determinado dado, destacar uma notícia ou ainda lançar um dado olhar sobre a informação.

Portanto, cada veículo vai pautar um tema de acordo com os interesses do seu público, e este, segundo o autor Lage percebe “o jogo de interesses que há por detrás das notícias” (1998, p. 378). A revista Nova Escola retrata a educação em si e revela através do que escreve qual a sua posição em relação ao meio em que está inserida.

## REFERÊNCIAS

ALDÉ, Alessandra. **Mídia e Guerra: enquadramentos do Iraque**. Trabalho apresentado no Encontro da Compós, 2004. Disponível em: <http://www.unb.br/fac/comunicacaoepolitica/alessandra2004.pdf>, acesso em 22 julho 2007

BRASLAVSKY, Cecília. *As políticas educativas ante a revolução tecnológica, em um mundo de interdependências crescentes e parciais*. In TEDESCO: Juan Carlos (org.). **Educação e novas tecnologias**. São Paulo: Cortez; Buenos Aires: Instituto Internacional de Planejamento de la Educacion; Brasília: UNESCO, 2004.

BRUNNER, José Joaquín. *Educação no encontro com as novas tecnologias*. In TEDESCO, Juan Carlos (org), 2004, **Educação e novas tecnologias**. Esperanças ou incertezas? São Paulo: Cortez; Buenos Aires: Instituto Internacional de Planejamento de la Educacion; Brasília: UNESCO, 2004.

COLLING, Leandro. **Agenda-setting e framing**: reafirmando os efeitos limitados. Revista Famecos. Porto Alegre, num 14, abril 2001.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LAGE, N. **Controle da opinião pública**: um ensaio sobre a verdade conveniente. Petrópolis: Vozes, 1998.



Lei 9394/96. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm).  
Acesso em: 22 nov.2009.

MORAN, José Manuel. (2002) **Desafios da televisão e do vídeo à escola**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran> . Acesso em: 22 nov. 2009.

PORTO, Mauro. **Enquadramentos da mídia e Política**. Universidade de Brasília, 2003.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Exclusão digital: a miséria na era da informação**. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Inclusão Digital, Software Livre e Globalização Contra-Hegemônica**. Disponível em:  
[http://www.softwarelivre.gov.br/artigos/artigo\\_02/](http://www.softwarelivre.gov.br/artigos/artigo_02/). Acesso em: 22 nov.2009.

SOUZA SANTOS, Boaventura (org.). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.